

Entre palmeiras e pincéis: Zeferina Carneiro Leão e a Fazenda Lordelo

Ana Lucia Vieira dos Santos*

Recebido em: 02/07/2020

Aprovado em: 23/10/2020

Resumo

O artigo trata da trajetória dos barões de Paraná, em especial da baronesa Zeferina Marcondes Machado Carneiro Leão. Examina suas relações familiares, seus interesses culturais e sua atuação na fazenda Lordelo, hoje no município de Sapucaia/RJ, propriedade da família Carneiro Leão. A fazenda foi fundada em meados do século XIX pelo marquês de Paraná, pai do barão, e administrada pela marquesa viúva durante trinta anos. Os barões herdaram a propriedade logo após a abolição da escravatura, cabendo a eles a modernização tanto da produção quanto da casa.

Examinamos as alterações introduzidas no edifício, em especial na fachada e na decoração interior, buscando as inspirações para as pinturas e a relação com o estilo decorativo de sua casa no Rio de Janeiro.

Palavras-chave

Casa senhorial; Ciclo do café; barões de Paraná; Zeferina Carneiro Leão; Fazenda Lordelo.

Abstract

This article is about the life of the barons of Paraná, particularly of the baroness Zeferina Marcondes Machado Carneiro Leão. It examines their family relations, cultural interests, and their handling of the Lordelo plantation, property of the Carneiro Leão family, currently located in the city of Sapucaia-RJ. The plantation was founded in the mid 19th century by the marquis of Paraná, the baron's father, and overseen by the dowager marchioness for thirty years. The barons inherited the property right after the abolition of slavery, and were tasked with modernizing both its house and its administration.

We examine the changes made to the building, especially the facade and interior decoration, looking for the inspiration to their paintings collection and comparing its style to that of their house in the city Rio de Janeiro.

Keywords: Manor house; coffee cycle (Brazil); Barons of Paraná; Zeferina Carneiro Leão; Lordelo plantation.

*Arquiteta, doutora em História pelo PPGHis/UFF, professora adjunta da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, coordenador do Laboratório de Estudos de Patrimônio (EAU/UFF) e vice-coordenadora da seção brasileira do projeto “A casa senhorial: anatomia dos interiores. Portugal, Brasil e Goa”. É autora de diversos artigos sobre a casa brasileira. Email: aluciavs@gmail.com.

Este artigo foi produzido no âmbito do projeto de pesquisa “A casa senhorial: anatomia dos interiores”, que estuda variados aspectos das casas de elite em Portugal, Brasil e Goa, reunindo pesquisadores de diversas instituições. Insere-se em pesquisa sobre a produção arquitetônica do ciclo do café fluminense no século XIX, desenvolvida sob coordenação da Profa. Ana Pessoa na Fundação Casa de Rui Barbosa, e pela autora na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense. O estudo das casas senhoriais das fazendas de café permite avançar na compreensão dos modos de vida do Vale do Paraíba fluminense, esclarecendo as mudanças trazidas pelo enriquecimento dos proprietários, e os usos e modas vindos da Corte e da Europa, com a modernização característica do século XIX. A pesquisa busca estudar as famílias que foram proeminentes no vale do café, suas ligações através de casamentos e compadrios, e localizar suas residências, tanto as rurais como as localizadas nas cidades do vale e na Corte, e, eventualmente, em Petrópolis, a fim de buscar padrões construtivos e decorativos que permitam avançar na compreensão da cultura construtiva desenvolvida no período cafeeiro.

Neste texto vamos explorar a única casa remanescente da família Carneiro Leão, a casa grande da fazenda Lordelo,¹ localizada no atual município de Sapucaia/RJ.

A fazenda Lordelo foi fundada pelo marquês de Paraná, Honório Hermeto Carneiro Leão (1801-1857), poderoso político e ministro do Império do Brasil. Com sua morte precoce, a fazenda passou a ser administrada pela marquesa viúva, Maria Henriqueta Neto ** (1809-1887), com excepcional competência.²

Na sucessão da marquesa, a fazenda foi herdada por Henrique Hermeto (1847-1916), único dos filhos homens que sobreviveu aos pais, e que receberia após a morte da mãe o título de barão de Paraná³.

Henrique era o filho caçula dos marqueses, e perdeu o pai com apenas nove anos. Estudou Humanidades no Colégio Pedro II, e formou-se médico em 1870, atuando inicialmente como especialista em transtornos mentais e doenças nervosas, e depois em “doenças de senhoras”.

**No artigo de Ana Pessoa, a Marquesa foi tratada pelo nome Maria Henriqueta Carneiro Leão. Nota dos editores.

Ao se formar, Henrique foi “para a roça”, clinicar na freguesia de Aparecida, onde ficava a fazenda Lordelo. Lá, foi procurado pelo comendador Francisco Marcondes Machado, dono da fazenda Cortiço, que solicitou seus serviços e tornou-se seu amigo.⁴

Francisco Marcondes Machado (1807-1872) era natural de Pindamonhangaba e casou-se com D. Maria dos Remédios Cornélio dos Santos (1825-1898), de família também proprietária de terras em Aparecida. O casal teve doze filhos,⁵ que foram educados em colégios da Corte; os meninos no Colégio Pedro II, e as meninas no colégio Taulois e Rivière e depois na famosa escola da baronesa de Geslin.

O comendador era um fazendeiro interessado no aprimoramento da produção de café, tendo alcançado medalha de ouro na Segunda Exposição Nacional por “melhorias nos terreiros e em outros meios de preparo do café”.⁶ Participava da vida política de Aparecida e da Corte, e tinha extensa rede de parentesco e amizade que se estendia por São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em 1861 a família partiu para uma viagem às estações de águas de Minas Gerais, utilizando-se dessa rede para hospedagem e apoio em vários pontos do caminho. Por anúncio de agradecimento publicado no *Correio Mercantil*⁷ ficamos sabendo que os Marcondes Machado viajaram com mais de quarenta animais de transporte, e foram recebidos com um belo baile em Pindamonhangaba, de onde Francisco havia saído vinte anos antes.

O comendador faleceu em 1872, passando a administração da fazenda à viúva e aos filhos. D. Maria dos Remédios passou a dividir-se entre a fazenda e a Corte, com residência na Praia de Botafogo. Ela passaria a se envolver com trabalhos sociais e religiosos na capital, tendo destaque sua atuação na Ordem Terceira de São Francisco de Paula, o que levou à confecção de um grande retrato seu para a galeria de beneméritos da ordem.⁸

Zeferina era a terceira filha mulher do casal Marcondes Machado e estudava no colégio da baronesa de Geslin. Além das disciplinas do currículo comum a meninos e meninas, a escola oferecia o ensino línguas estrangeiras, além do francês, e de “atividades de recreio”, consideradas convenientes a moças de elite: piano, dança, canto e desenho. Nestas duas últimas atividades, Zeferina mostraria especial talento, que desenvolveu e praticou até o fim da vida. Sobrevive de sua produção dessa época um pequeno desenho *au fusain* denominado *Cena pastoral* (Figura 1), assinado e datado de 1 de julho de 1874.



Figura 1. *Cena pastoral*, de Zeferina Marcondes Machado.⁹
Fonte: catálogo do site Onze Dinheiros.

Recém-chegado da Europa, onde fora participar da comissão brasileira da Exposição Internacional de Viena (1873), Henrique interessou-se por Zeferina. Em outubro de 1874 ele escreveu à mãe, que estava na fazenda Lordelo, anunciando que havia pedido a moça em casamento: “Ontem pedi a mão de Zeferina e com geral satisfação e agrado foi aceito o meu pedido. Terá V. M. mais uma filha, que espero faça por merecer a sua estima”.¹⁰ O casamento aconteceu em 24 de dezembro de 1874, na Igreja Matriz da Glória,¹¹ dentro da tradição de confirmar pelo matrimônio dos filhos as alianças entre as grandes famílias de proprietários rurais.

Não temos notícia certa sobre onde o jovem casal foi residir logo após o casamento, mas construíram para si um imponente palacete exuberantemente decorado, vizinho à casa da marquesa de Paraná, em terrenos desmembrados da grande propriedade dos Carneiro Leão na rua Marquês de Abrantes, no bairro do Flamengo, Rio de Janeiro.¹² Henrique manteve-se sempre próximo da mãe, a quem auxiliava na gestão dos negócios, sendo seu representante no Rio de Janeiro, uma vez que a viúva marquesa preferiu residir na fazenda.

D. Henriqueta e sua nora tinham em comum as infâncias passadas numa grande propriedade rural e a ida para a Corte, casando-se ainda muito jovens. Compartilhavam o interesse por pássaros e plantas ornamentais, que cultivavam na fazenda e nos jardins de suas casas urbanas. O início do casamento de Henrique e Zeferina foi marcado por temporadas na fazenda Lordelo, onde faziam companhia à velha senhora e participavam do cotidiano da propriedade.

A casa de morada da fazenda Lordelo está situada a meia encosta, e apresenta-se discretamente ao visitante após longa curva da estrada. Cruzada a ponte sobre o Córrego do Coruçó, atinge-se o eixo de entrada pelo jardim em leves socalcos, onde além das palmeiras imperiais ainda resistem exemplares das raras plantas cultivadas pelos Carneiro Leão, como os sombreiros da Jamaica e as enormes palmeiras buriti.

A casa tem um partido que foi praticamente universal na casa rural brasileira. A planta retangular possui pátio central, com ampla varanda que serve de área de convívio íntimo e circulação entre os cômodos. Na Lordelo essa varanda foi envidraçada desde a concepção original, pois já aparece assim no inventário do marquês de Paraná,¹³ que deixou a casa ainda por acabar.

A escada que introduz os visitantes ocupa posição central na fachada principal, chegando a um vestíbulo que se comunica diretamente com a sala de visitas, para um lado, e com uma saleta ligada a um conjunto de quartos para o outro lado. A sala de visitas dá passagem a três quartos, um dos quais serve de oratório. De modo geral, esses quartos sem acesso à zona íntima da casa eram destinados a visitantes. Tanto a saleta quanto a sala de visitas abrem-se para a varanda interna. As alas laterais abrigam sequências de três quartos cada uma. Nos fundos situam-se a sala de música e a sala de jantar, e do outro lado da saída para o quintal, a copa, a cozinha e a despensa.

A ornamentação da fachada, de características ecléticas, denuncia sua execução mais tardia, já no período dos barões. A fachada principal tem dois pavimentos, com o andar nobre em balanço sobre o térreo, formando uma varanda com arcos plenos. Os nove vãos distribuem-se simetricamente em relação ao eixo, em composição de gosto neoclássico, como predominou em todo o vale do café. O vão central é ladeado no térreo por duas colunas encimadas por leões, que sustentam um balcão de pedra com grade de ferro, de onde partem duas lesenas que se prolongam até a platibanda. No pavimento

nobre, as janelas em arco pleno recebem molduras de verga reta, em material cerâmico (Fig. 2).



Figura 2. Fachada principal da casa da fazenda Lordelo. Foto da autora.

A cornija que arremata a parede tem uma faixa central em cerâmica com o leão heráldico da família subjugando uma serpente. O telhado é arrematado por platibanda ameiada, símbolo medieval de nobreza.¹⁴ Sobre o eixo de entrada, uma estátua em louça da deusa Ceres é ladeada por dois leões, acima de um brasão onde figuram duas letras H, iniciais dos dois proprietários Honório Hermeto e Henrique Hermeto, encimadas por um elmo e com cercadura vegetal (Fig. 3). Não foi possível confirmar se Henrique Carneiro Leão solicitou permissão ao imperador para adotar o brasão do pai,¹⁵ tendo sido curto o tempo decorrido entre a concessão do baronato e a proclamação da república. O escudo do marquês não aparece na decoração da casa, ainda que o leão e as cores heráldicas estejam presentes em várias peças, como o tapete de cerâmica no piso da varanda, fronteiro à entrada principal da residência.



Figura 3. Detalhe da composição da fachada.
Foto da autora.

O tratamento da fachada principal estende-se até os três primeiros vãos das fachadas laterais, a partir de onde a casa torna-se somente térrea.

Em texto memorialístico, Cornélio Penna, sobrinho de Zeferina,¹⁶ relembra a casa da fazenda Lordelo:

Passados aqueles extensos e miseráveis campos, irregulares e muito secos, já próximos da descida da serra, novas palmeiras subiam aos céus, sempre como mastros de observatório, cujas flâmulas marcassem invariavelmente o bom tempo. Era a fazenda de minha tia [baronesa de Paraná], a quem eu chamava de minha vice-mãe, pela sua inalterável bondade para comigo e pelo seu amor sem conta de todas as horas. Ela aí residira por muitos anos. A casa, em frente às palmeiras, com seu ar palaciano de sacada sustentada por dois leões de pedra e a sua varanda robusta, deve ainda estar lá, possuída por pessoas estranhas, mas sem a sua alma criadora.¹⁷

Ao referir-se à tia como “alma criadora” daquele lugar, Penna ressalta o papel de Zeferina no processo de modificação e apropriação casa da marquesa de Paraná por seus

sucedores. Além das já mencionadas alterações na fachada, também o interior da casa foi modernizado e tornado ao gosto mais citadino dos barões.

A pragmática marquesa viveu na fazenda com austeridade. Atenta à modernização e mecanização da produção do café, não demonstrava maiores preocupações com a casa, além da manutenção cotidiana e do uso de plantas, flores e pássaros na ornamentação.

Sua preocupação com a geração de um herdeiro para Henrique esfriou sua relação com a nora, que apesar de manter-se cordial e atenciosa distanciou-se da fazenda. Sua correspondência mostra que muitas vezes Zeferina aproveitava as temporadas de Henrique na Lordelo para visitar sua própria família, na fazenda Cortiço.

A mãe de Zeferina mudou-se para Paris em 1882, em companhia das filhas mais novas. Durante essa década, Henrique e Zeferina residiram por longa temporada na Europa tendo como ponto de apoio a cidade de Paris. A comunidade frequentada pelo casal incluía Maria Emília Carneiro Leão, baronesa de São João de Icarai, irmã divorciada de Henrique, e os irmãos de Zeferina. Os incômodos de saúde os levavam a estações de águas, como Aix-les-Bains, na França. Viajaram a Londres e aos Estados Unidos, à Bélgica e Holanda, assim como à Espanha e Portugal.

Henrique acompanhava seus negócios no Brasil,¹⁸ assim como a gestão da fazenda Lordelo, enviando sementes de flores, legumes e frutas, através de diversos portadores. Data de 1885 a primeira menção à noz-de-cola, que ele trabalharia para adaptar ao Brasil, numa busca de alternativas à cultura do café.

Zeferina mandava peças de roupa para a sogra, como um belo vestido de renda de lã preta com corpinho de gorgorão, ressaltando estar o modelo em grande moda, e chamar-se “ottoman”. Também foram enviadas uma capa para que a senhora passeasse no jardim, e uma touca de renda preta para cabeça, feita a mão em Carlsbad, na Áustria, outra estação de águas frequentada pela família.

Na “Cidade Luz”, Zeferina aperfeiçoou suas habilidades artísticas tomando aulas de canto e pintura. Foi aluna de Henri Cain, libretista, dramaturgo e artista plástico,¹⁹ tornando-se exímia pintora, produzindo obras de grande formato que ornamentavam sua residência no Flamengo.²⁰

A casa da R. Marquês de Abrantes foi objeto de reportagem da *Gazeta de Notícias* em 1926.²¹ As descrições da notícia associadas a fotos dos interiores presentes na coleção

Cornélio Penna (FCRB) permitem conhecer melhor a obra de Zeferina Carneiro Leão e mostram a habilidade da pintora na composição e detalhes.

Os quadros de grande formato não eram o único toque pessoal de Zeferina na decoração do palacete. Quadros de menor tamanho ornamentavam frisos e molduras nos painéis do salão, e almofadas com flores pintadas espalhavam-se pelos sofás e poltronas (Fig. 4). Esse tipo de trabalho em seda foi exposto por Zeferina na Exposição Industrial de 1881, e na Exposição de Belas Artes no Liceu de Artes e Ofícios em 1882.²² O casal possuía obras de outros pintores, como Cornélio Penna, que considerava a tia sua pintora favorita.



Figura 4. Salão da casa da R Marquês de Abrantes, no Flamengo.
Fonte: Coleção Cornélio Penna, FCRB.

O tratamento das paredes e tetos se destaca na decoração da casa dos barões de Paraná, mesclando objetos de grande formato, como os quadros de Zeferina e enormes espelhos venezianos, com pintura mural, estuques e detalhes em madeira. O mobiliário

possuía peças raras, como a cadeira japonesa esculpida em um só tronco de madeira, onde o barão fumava seus charutos. Objetos menores como esculturas e porcelanas complementavam a ambientação.

Os barões gostavam de receber e o fizeram também na fazenda Lordelo. A fama da baronesa como anfitriã manteve-se por muito tempo. Em resenha sobre o livro *Salões e damas do Segundo Reinado*, de Wanderley Pinho, Cardoso de Miranda, articulista do *Correio da Manhã*, reclama a inclusão das anfitriãs das fazendas fluminenses:

Dentre os solares fluminenses que tiveram vida social, cumpre assinalar Lordelo, da baronesa de Paraná, D. Zeferina Marcondes Machado Carneiro Leão; Suruí, da marquesa de Santos, D. Domitila de Castro Canto e Melo; Vista Alegre, de D. Maria da Glória Soares de Souza e Melo; Samambaia, da baronesa de São Vicente de Paulo, D. Ana Gregória de Miranda Pinto; Gavião, da condessa de Nova Friburgo, D. Ambrozina Leitão da Cunha da Silva Pinto; Airizes, de D. Maria Joaquina dos Reis da Costa Viana; Colégio, de D. Ana Bernardina Gomes Barroso, etc.²³

Para adequar a casa da fazenda Lordelo a suas necessidades pessoais e sociais, os barões de Paraná fizeram obras, de que existe raro testemunho em oito cartas do profissional por eles contratados, Pedro Paulo Prevôt, preservadas no acervo Coleção Leão Teixeira F^o do IHGB.²⁴ Pouco sabemos sobre Prevôt, além de que possivelmente era cenógrafo²⁵ e fornecia mão de obra e desenhos para trabalhos de pintura mural, estuque, colocação de papéis de parede, marcenaria e douração.

O advento da Abolição da Escravidão e a intenção de fazer obras devem ter levado o casal a instalar-se na fazenda por uma longa temporada, assim que voltaram de Paris em 1888. As cartas de Prevôt foram escritas no Rio de Janeiro e dirigidas a Henrique na Lordelo. Através dela foi possível obter algumas informações sobre os profissionais e técnicas utilizadas na decoração da casa.

Uma das técnicas utilizadas foi o “fingimento”. Prevôt enviou para Porto Novo do Cunha o fingidor José Aymore Rodrigues Silva, especialista em madeira carvalho, capaz também de imitar qualquer outra madeira ou mármore. Seu jornal era de seis mil réis diários, além de casa e comida, o que era oferecido a todos os operários. Esses fingimentos eram executados a óleo fervido, e recebiam acabamentos dourados.

Houve problemas com o oficial forrador e o contramestre, que vieram para o Rio de Janeiro para uma folga de três dias no Carnaval, e não quiseram retornar para a

Lordelo. No lugar deles, Prevôt enviou Rufino Crotássio de Mello para fazer forração, com diária de 3\$200, e um bom oficial pintor de nome Alfredo, que trabalhava bem “no liso” e era capaz de fazer qualquer traço ou moldura que se fizesse necessário pela diária de 3\$000. A habilidade de fazer molduras seria importante para o programa decorativo adotado, especialmente nas pinturas pompeianas.

É ainda difícil identificar com certeza as várias camadas de intervenção que a casa acumulou em mais de 150 anos de ocupações por diversos proprietários e por falta de prospecções. No entanto, três podem ser atribuídas aos barões de Paraná: a decoração da sala de música e da sala de visitas e a transformação da varanda em galeria pompeiana.

Entre as cartas de Prevôt, uma discute a escolha dos motivos pompeianos, datada de 16 de março de 1889

Remeto a V. Ex. desenhos pompeanos que achei entre os desenhos que me confiou, e de entre os meus só achei um apropriado que vai apenas desenhado podendo serem as cores dos outros desenhos coloridos; se entre os mesmos não achar V. Ex. o que deseja, peço para ter a bondade de me mandar dizer qual é a combinação pouco mais ou menos que V. Ex. deseja para eu fazer um “croquis” extraído de um tratado pompeano que existe na Biblioteca Nacional, e remeter-lho-ei em continente. (sic)

O esquema decorativo divide as paredes em três zonas horizontais, com dado estreito, zona central ampla e friso superior.²⁶ Alguns dos painéis da zona central contêm motivos de arabescos e outros têm pequena pintura central com motivos mitológicos.

Os motivos mitológicos dividem-se em três grupos e todos podem ser encontrados em pequenas pinturas a guache de Michelangelo Maestri, com ateliê em Roma de finais do século XVIII até sua morte em 1812. Algumas dessas obras baseiam-se em afrescos de Herculano e Pompéia, então recém descobertos e publicados em álbum de gravuras,²⁷ e outras em afrescos de Rafael Sanzio, hoje perdidos. Por sua qualidade e pequeno formato, tornaram-se populares entre viajantes fazendo o “Grand Tour” e, possivelmente, eram desse tipo os desenhos que Henrique Carneiro Leão confiou a Prevôt.

O primeiro grupo tem sete pinturas, que representam os deuses do Olimpo em suas carruagens, simbolizando os sete dias da semana: Diana, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus, Saturno e Apolo. Essas imagens são baseadas nos afrescos de Rafael.

O segundo grupo tem três pinturas, cada uma com duas figuras alegóricas femininas. Há diversas interpretações sobre o significado dessas pinturas femininas. O

álbum de Orazi identifica algumas como bacantes, outras como ninfas. Esses quadros continuam a ser oferecidos em leilões e são, às vezes, associados à representação das horas do dia e da noite, o que seria uma interpretação coerente com o tema do dia das semanas. No caso das figuras da varanda, estariam representadas as horas do dia apenas.

O terceiro grupo tem quatro figuras. Duas representam ninfas e centauros (Fig. 5), e as duas outras, nereidas com monstros marinhos, todas presentes também no álbum sobre os afrescos de Herculano. Na Fig. 6 observamos o percurso de uma dessas imagens: parte de parede da Villa Arianna (c. 20-45 D.C.), preservada no Museo Archeologico Nazionale di Napoli; a imagem reproduzida em gravura do álbum “Le pitture antiche d'Ercolano e contorni, incise con qualche spiegazione”; um dos pequenos guaches atribuídos a Michelangelo Maestri; e a imagem reproduzida em Sapucaia.

Não sabemos ao certo se a casa dos barões no Flamengo tinha algum cômodo pompeiano,²⁸ embora isso fosse mais que possível, devido à popularidade do estilo em finais do século XIX.



Figura 5. Composição em parede da varanda da Lordelo com centauro montado por ninfa. Fonte: foto da autora.



Figura 6. Percurso da imagem

Fontes: Museo Archeologico di Napoli; *Le pitture antiche d'Ercolano e contorni, incise con qualche spiegazione*; guache atribuído a Michelangelo Maestri; foto da autora.

A sala de música sofreu intervenções que a aproximam do estilo da casa da R. Marquês de Abrantes. O teto de saia e camisa presente no resto da casa foi substituído²⁹ por outro igualmente de madeira, dividido em quatro painéis com um medalhão circular central entalhado que recebe o lustre. Cada painel é dividido em quadros menores, com losangos em moldura de madeira no seu interior. Esse tipo de revestimento compartimentado também aparece no palacete do Rio de Janeiro, na sala de visitas, embora nesse caso o teto seja pintado, aparecendo figuras florais no centro de cada módulo (Fig. 7).



Figura 7. Detalhes dos tetos do palacete do Flamengo e da sala de música da Lordelo.
Fonte: Foto da coleção Cornélio Penna (FCRB) e da autora.

A parte inferior da parede está revestida em lambris de madeira escura com almofadas verticais, e a parte intermediária é coberta de tecido adasmacado amarelo de colocação recente, sem que se tenha notícia do que havia antes. A sala de música é um cômodo que remete a Zeferina por seus dotes de cantora e sua educação musical.

A sala de visitas possui tratamento semelhante ao da sala de música, mas seu forro mantém o tradicional trabalho de saia e camisa. O uso do mesmo tipo de lambri e de tecido adasmacado nas paredes dá unidade decorativa aos dois cômodos, apesar da diferença nos tetos.

A escada e os vestíbulos estão forrados em papel de parede com fundo em *chevron* em azul e vermelho, com figuras de dragão alado e flores. Lacunas no papel deixam entrever que este foi colocado sobre parede pintada em amarelo com molduras verdes, não sendo possível precisar em que momento a mudança ocorreu, sendo possível que a pintura pertença ao período dos barões de Paraná.

A menção de Cornélio Penna aos longos anos de residência da tia na fazenda Lordelo possivelmente se refere a esses anos pós-abolição da escravatura, em que os fazendeiros precisaram adaptar a gestão das propriedades a outras formas de trabalho. Os Carneiro Leão já vinham se preparando para este momento desde a gestão da marquesa

de Paraná. São frequentes na correspondência entre Henrique e sua mãe as menções à compra de maquinário e à introdução de colonos europeus. Depois de assumir a fazenda, intensifica-se a atuação do barão no aperfeiçoamento genético do gado, a introdução de cavalos de raça e a adaptação de novas plantas, cujo cultivo podia ser comercialmente interessante, como a noz-de-cola.

Henrique manteve a tradição de apresentar-se nas exposições agropecuárias, sempre obtendo destaque pelos melhoramentos na produção e pela qualidade de seus animais. Um de seus mais famosos sucessos como criador foi a obtenção do zebróide, anunciada em abril de 1897. A experiência genética de cruzamento de égua com zebra realizada na Fazenda Lordelo foi reconhecida pela Sociedade de Aclimação de Paris, que lhe confirmou a primazia diante de outras tentativas. Dois exemplares foram apresentados na Exposição de 1908, e posteriormente expostos no Bois de Boulogne em Paris,³⁰ onde foram oferecidos aos viscondes de Hamilton Pires,³¹ sobrinhos do barão. Em suas visitas a Além Paraíba, cidade próxima à fazenda Lordelo, Henrique costumava usar uma carruagem puxada por uma parilha de zebróides, o que lhe valeu fama de excêntrico.

A modernização da tradicional casa inseriu os elementos de conforto necessários à ocupação pelo casal cosmopolita e permitiu que a fazenda se tornasse ponto dos animados encontros sociais mencionados por Cardoso Miranda. A antiga casa grande tornou-se casa de campo, com o lazer assumindo um papel importante no mundo rural.

A volta à vida no campo, marcante tanto na infância de Henrique quanto na de Zeferina, possibilitou também o exercício de atividades que lhes eram caras: o barão pode dedicar-se aos experimentos científicos em que se destacou e a baronesa desfrutava do ar livre para pintar (Fig. 8).



Figura 8. A baronesa de Paraná pintando ao ar livre na fazenda Lordelo.
Fonte: Coleção Cornélio Penna (FCRB).

O interesse pelas artes levou Zeferina a contribuir para o seu ensino e divulgação. Foi uma das principais patrocinadoras dos cursos femininos do Liceu de Artes e Ofícios, cuja inauguração ocorreu em 14 de outubro de 1881, em cerimônia prestigiada pelo casal imperial.

Os primeiros contribuintes foram a baronesa de São Mateus, falecida, com 2000\$, a esposa do Dr. Carneiro Leão, com 1.000\$, a baronesa de Guararema, o advogado e proletário, com 200\$, Eduardo Lemos, do Gabinete Português de Leitura, Elias Novaes, com 100\$, e o cônego Dr. Ilonorato, da Notre Dame, com 20\$.³²

O apoio ao Liceu continuou por vários anos, tendo o casal instituído o prêmio “Marquês de Paraná”, oferecido à aluna de maior destaque nas aulas de desenho de figura. Em reconhecimento à contribuição constante, o nome de Zeferina foi dado a uma das salas de aula do Liceu.³³

Zeferina apoiou a Comissão Propagadora das Artes no Brasil oriunda do Salão dos Novos, com o fim de promover exposições e eventos para novos artistas.³⁴ A baronesa manteve-se monarquista por toda a vida. Em 1934 foi uma das principais doadoras na

subscrição aberta pelo jornal *A Noite* para construção de um panteão aos imperadores do Brasil, destinado a receber os restos mortais de D. Pedro II e D. Teresa Cristina³⁵.

A morte de Henrique sobreveio em março de 1916, após um prolongado período de doença, que incluiu uma cirurgia para extração de cálculos biliares.³⁶ Seu testamento determinava que a fazenda Lordelo fosse vendida, e o produto convertido em apólices da dívida pública, inalienáveis, com usufruto de sua mulher.³⁷

No inventário da casa realizado nessa ocasião, aparecem objetos de valor tão elegantes quanto os que eram usados no Rio de Janeiro:

uma mobília de sala de visita com dezesseis peças
uma mobília de sala de visita
uma mobília de sala de jantar com vinte e nove peças
serviço de chá de prata, com onze peças, dezoito talheres de Christofle,
um serviço de cristal, um serviço de louça
um piano de cauda, um gramofone com chapas
uma mobília de varanda, doze cadeiras de ferro para jardim
uma mobília de escritório
quatro carros de passeio.³⁸

Em seu testamento, Henrique determinou que, após a venda da fazenda, Zeferina poderia “retirar para si os trastes, talheres, quadros, roupas e o café que estiver nas tulhas”, ressaltando o caráter pessoal e de valor desses equipamentos.

Um acordo entre os herdeiros³⁹ preservou a propriedade na família, com usufruto e administração de Zeferina, que os exerceu até sua morte.

Após o óbito da baronesa de Paraná⁴⁰ em 1936, a Lordelo passou a ser administrada pela sociedade “Sobrinhos do Barão de Paraná Ltd”, que encerraram a gestão familiar da propriedade.

A casa da Lordelo foi preservada pelos proprietários seguintes, permanecendo como testemunho dos modos de vida do século XIX.

Notas

¹A fazenda Lordello já foi objeto de dois inventários arquitetônicos: Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. Fazenda de Lordelo. Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense. Rio de Janeiro: Inepac, Instituto Cidade Viva, 2009. Inventário pelo projeto A Casa Senhorial: Anatomia dos Interiores, disponível no site <http://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casas-senhoriais/pesquisa-lista/352-fazenda-lordello-2>

² Para a gestão da Lordelo pela marquesa de Paraná, assim como suas relações familiares, ver nesta publicação o artigo de Ana Pessoa: “Notícias de uma fazenda de café: a Fazenda Lordelo e a correspondência da marquesa de Paraná”.

³ Henrique recebeu o título de barão de Paraná por decreto de 16 de maio de 1888.

⁴ Carta de Henrique a sua mãe. IHGB. Coleção Leão Teixeira F^o. Lata 751, pasta 17.

⁵ Antônio Marcondes dos Santos (?-1929), Francisco Marcondes Machado (?-1919), Eulalia Marcondes dos Santos Machado (1848-?), Candida Marcondes dos Santos Machado (1849-?), Frederico Marcondes Machado (1850-1874), Alexandre Marcondes dos Santos Machado (?-1869), Zefirina Marcondes Machado (1852-1936), Urbano Marcondes Machado (1856-1903), Clara Marcondes Machado (1858-1926), Maria da Glória Marcondes Machado (1862-1936), Francisca de Paula Marcondes Machado (1864-?), João Marcondes Machado.

⁶ CORREIO MERCANTIL E INSTRUCTIVO, POLÍTICO E UNIVERSAL. 3 de fevereiro de 1867.

⁷ CORREIO MERCANTIL E INSTRUCTIVO, POLÍTICO E UNIVERSAL. 1 de junho de 1861.

⁸ O retrato foi pintado por Augusto Petit e ficou exposto na Casa Mocada antes de ser levado para a Ordem Terceira. *Jornal do Comércio*, 1885, edição 343(1).

⁹ <https://onzedinheiros.lel.br/catalogo.asp?Num=1984&p=on&Dia=&Tipo=6&pesquisa=&Srt=4>. Acesso em: 10 jun. 2020.

¹⁰ IHGB. Coleção Leão Teixeira F^o. Pasta 17 doc. 109-3. Carta de Henrique Carneiro Leão a sua mãe. Corte, 13 out 1874.

¹¹ Casamento de Henrique e Zeferina, "Brasil, Rio de Janeiro, Registros da Igreja Católica, 1616-1980", imagens, *Famil y Search*. <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:939F-R8SM-WH?cc=1719212&wc=M6ZR-HM9%3A131775101%2C13177302%2C132544401>: 20 May 2014), Rio de Janeiro > Nossa Senhora da Glória > Matrimônios 1874, Jan-1878, Nov > image 20 of 101; paróquias Católicas, Rio di Janeiro (Catholic Church parishes, Rio di Janeiro). Acesso em: 20 jan. 2020.

¹² A trajetória pessoal da baronesa de Paraná e os interiores de sua casa no Flamengo estão comentados em “Entre dois mundos: Zeferina Carneiro Leão, baronesa de Paraná”. *Anais do VI Colóquio A Casa Senhorial: Anatomia dos Interiores*, no prelo.

¹³ “[casa nobre]... com 144 palmos de frente, e 165 de fundos, sobrado na frente, e ainda por acabar, com varandas envidraçadas”. ANRJ. Juízo de Órfãos e Ausentes. ZN. Inventário Marquês do Paraná, n^o 3.001, cx.2762, gal. A, 1856.

¹⁴ No período medieval considerava-se os merlões ou ameias como o elemento que caracterizava uma residência como fortificada, de forma que era exigida autorização do rei ou do senhorio para sua construção. As construções residenciais que adotavam soluções militares eram típicas da nobreza, adquirindo as ameias enorme carga simbólica, elevando a construção que as exibia à condição de construção régia ou nobilitada. BARROCA, Mário Jorge. “Torres, casas-torres ou casas-fortes. A concepção do espaço de habitação da pequena e média nobreza na Baixa Idade Média (Sécs. XII-XV)”. *Revista de História das Ideias*, vol. 19. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1997. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/41900>. Acesso em: 26 de jan. 2020.

¹⁵ O brasão dos Carneiro Leão foi concedido ao marquês de Paraná por D. Pedro II em 8 de novembro de 1855, para uso exclusivo do brasonado, devendo ser feito novo pedido por parte dos descendentes para continuar a usá-lo. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. A Proclamação da República em 1889 tornou essa norma irrelevante, e os genealogistas e especialistas em heráldica atribuem ao barão de Paraná o uso do brasão do pai, embora não saibamos se Henrique efetivamente fez uso do brasão em sua identificação pessoal.

¹⁶ Cornélio Penna era o filho caçula de Francisca de Paula Marcondes Machado, irmã mais nova de Zeferina, e de Manuel Camilo de Oliveira Penna, médico. Os pais de Cornélio conheceram-se em Paris, onde se casaram em 1888.

¹⁷ Do original datilografado de Cornélio Pena, intitulado “Sob o Signo das Palmeiras - O Estado do Rio”. AMLB/FCRB.

¹⁸ Henrique possuía uma confortável renda proveniente do aluguel de imóveis.

¹⁹ Filho do escultor Auguste Cain (1822-1894), e irmão do pintor e escritor Georges Cain (1853-1919), que foi conservador do Museu Carnavalet de Paris. Assim como seu irmão, Henri terminou por deixar a pintura em benefício da literatura. Disponível em <https://www.josedarioinnella.com/es/Perfiles/V/Henri+Cain>. Acesso em: 18 nov. 2019.

²⁰ Os grandes quadros que ornamentavam a sala de jantar eram *Caçador à espreita*, *Índio a espera*, *Natureza morta* e *Festim de Luculus*.

²¹ *Gazeta de Notícias*, 4 de julho, 1926, edição A00157.

²² *Revista Ilustrada*, 1881, ano 6, nº280, p.6; *Revista Ilustrada*, 1882, ano 7, nº295, p. 3.

²³ CARDOSO DE MIRANDA. “Damas e salões fluminenses”. *Correio da Manhã*, 29 de agosto de 1943.

²⁴ A morte da marquesa de Paraná em 1º de dezembro de 1887 surpreendeu o casal em Paris. Eles só chegaram ao Rio de Janeiro em 23 de maio de 1888, e as cartas do IHGB sobre as obras estão datadas dos quatro primeiros meses de 1889.

²⁵ Há anúncios de peças teatrais com cenários do “inimitável cenógrafo Prevot” no *Jornal do Comércio* de 1883.

²⁶ A pintura decorativa atual da fazenda Lordelo está descrita por Ana Claudia Torem no site do projeto A Casa Senhorial: Anatomia dos Interiores, disponível em: <http://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casas-senhoriais/pesquisa-avancada-2/352-fazenda-lordello-2>. Acesso em: 25 jun. 2020.

²⁷ ORAZI, Niccolò. *Le pitture antiche d'Ercolano e contorni, incise con qualche spiegazione*. Napoli: Regia Stamperia, 1760. Disponível em: <https://archive.org/details/A216167/page/n301/mode/2up>. Acesso em: 20 jun. 2020. Foram usadas as pranchas XVIII, XIX, XX, XXI, XXV e XXVI do primeiro volume, e XVI, XVII, XXIX e XXXI do terceiro volume.

²⁸ A sala de entrada tinha estilo mourisco, a sala de jantar era em estilo gótico e a sala de baile era conhecida como salão japonês.

²⁹ O quarto que serve de oratório também não apresenta forro em saia e camisa, o teto é liso, com anjos pintados em época mais recente.

³⁰ *Correio Paulistano*, 13 de setembro de 1908.

³¹ Hamilton da Silva Pires, casado a 6 de junho 1901 com Maria Januária de Barros (*O Fluminense*, 8 de junho de 1901), recebeu o título de visconde Hamilton Pires do rei de Portugal (*A Capital*, 13 de maio de 1907).

³² *Gazeta de Notícias*, 20 de junho de 1881.

³³ *Jornal do Comércio*, 1886, ed. 42.

³⁴ *Revista da Semana*, ed. 44, 1926.

³⁵ *A Noite*, 16 de outubro de 1934.

³⁶ *O Paiz*, 11 de outubro de 1915.

³⁷ Inventário do Barão de Paraná. Museu da Justiça. Inventário 1916, Capital, Baronesa de Paraná Inventariante, Barão de Paraná Inventariado (transcrição paleográfica Madjory de Almeida Pereira, bolsista PIBIC/FCRB, 2018).

³⁸ Idem.

³⁹ Zeferina foi herdeira universal do marido e, uma vez que não tiveram filhos, os bens passariam depois aos sobrinhos de Henrique, Dr. Henrique Leão Teixeira, D. Maria Lima, D. Maria da Glória, condessa Candido Mendes, Don'Anna Teixeira Soares de Souza e Pedro Netto Teixeira de Carvalho, filhos e neto de sua irmã viscondessa do Cruzeiro.

⁴⁰ Óbito Baronesa de Paraná, “Brasil, Rio de Janeiro, Registro Civil, 1829-2012”, database with images, *Family Search* (<https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-672S-6W3?cc=1582573&wc=9GYB->

[W3K%3A113334201%2C127145501%2C129363801](#): 2 July 2014), Rio de Janeiro > 04ª Circunscrição > Óbitos 1936, Ago-1937, Mar > image 123 of 238; Corregedor Geral da Justiça (Inspector General of Justice Offices), Rio de Janeiro. Acesso em: 15 mai. 2020.